

Entrelaçamento velhice-infância nos romances ‘A máquina de fazer espanhóis’ (2013) e ‘Leite derramado’ (2009)

RESUMO

O artigo propõe discutir entrelaçamentos velhice-infância em dois romances contemporâneos: ‘A máquina de fazer espanhóis’ (2013), do escritor português Valter Hugo Mãe; e ‘Leite derramado’ (2009), de Chico Buarque. Pensamos em partir do conceito de infância não mais compreendido somente como um tempo cronológico definido, mas sim, como uma instância de pensamento relacionada à experiência e que pode surgir durante toda a vida do sujeito. Desse modo, será que podemos ler imagens de uma velhice-infância forjadas nos romances mencionados? Com quais recursos estéticos e discursivos? Por fim, tentaremos tensionar estes extremos da vida, buscando perceber formas de lidar esteticamente com tais questões nos dois romances supracitados.

PALAVRAS-CHAVE: Velhice. Infância. Romance. Contemporâneo.

Andressa Gomes da Silva
aletrasufrj@hotmail.com
UNES/PUUC-Rio, Rio de Janeiro, Brasil.

INTRODUÇÃO

“A vida tem destas coisas, quando não esperamos, mete-nos numa grande história”

(MÃE, 2013, p.51)

Em diversas narrativas, é comum encontrarmos personagens mais velhos que interajam com crianças. Uma compreensão mútua, um tipo de cumplicidade, que permite uma conversa de iguais entre os mais velhos e os mais novos, sem a intromissão dos adultos. Também é comum os adultos tratarem os mais velhos como crianças. A dificuldade de lidar com o próprio corpo, que não mais obedece às suas ordens, uma necessidade de cuidado externo, a mesma dificuldade que a criança talvez tenha em diferenciar a realidade e a ficção. Nesse contexto, podemos considerar a hipótese de que haja uma semelhança entre os que estão descobrindo o mundo e aqueles que vão, aos poucos, se esquecendo do mundo que conheciam.

Este trabalho busca, então, propor entrelaçamentos entre a infância e a velhice. Desse modo, pensamos em partir do conceito de infância não mais compreendido somente como um tempo cronológico definido, e sim, como uma instância de pensamento relacionada à experiência e que pode surgir durante toda a vida do sujeito. Assim, pensamos em analisar como a velhice pode aparecer entrelaçada à infância na literatura. Será que podemos ler imagens de uma velhice-infância forjadas nos romances ‘O leite derramado’ (2013) e ‘A máquina de fazer espanhóis’ (2009)? Com quais recursos estéticos e discursivos?

A escolha dos romances se apresenta porque em ambos temos a presença de um narrador personagem de mais idade que rememora sua vida em momentos extremos. Em ‘A máquina de fazer espanhóis’ (2013), o narrador é um senhor de 84 anos, chamado Antonio Jorge da Silva, “seu Silva”, que depois de perder a esposa, é internado em um asilo, o Feliz Idade. Narrador lúcido que o tempo todo busca refletir sobre sua condição e o sentimento de desamparo, primeiro pela perda da mulher e depois por parte da família que o internara. Ele diz sobre a velhice: “Nós sabemos que erramos e sabemos que, na distração cada vez maior, na perda dos reflexos e de agilidade mental, fazemos coisas sem saber (...) tudo é mais forte do que nós” (MÃE, 2013, p.33).

Em “O leite derramado” (BUARQUE, 2009), o narrador personagem, Eulálio d’Assunção, em seus quase cem anos de vida, quer escrever suas memórias. Já bastante debilitado, internado em um hospital, Eulálio tenta compor seu relato, mas a senilidade faz com que sua história não seja coerente. Ele começa e recomeça, perde-se, não sendo possível aos seus diferentes interlocutores (a filha, os enfermeiros, ou para si mesmo) estabelecer algum sentido. Ele continua, no entanto, a contar, pois acredita que, ao narrar, permanece vivo.

Muita vez de fato já invoquei a morte, mas no momento mesmo em que a vejo de perto, confio em que ela mantenha suspensa a sua foice, enquanto eu não der por encerrado o relato da minha existência. Então começo a recapitular as origens mais longínquas da minha família (...) (BUARQUE, 2013, p.96)

Pretendemos, assim, discorrer sobre a chegada da velhice com as transformações do corpo e conseqüentemente da consciência a partir da perspectiva da finitude. Por fim, tentaremos tensionar estes extremos da vida, buscando perceber formas de lidar esteticamente com tais questões nos dois romances contemporâneos.

1. O ESPAÇO DA VELHICE NOS DIAS DE HOJE

No livro 'Memória de Velhos' (BOSI, 1987), logo no trecho de apresentação, a filósofa Marilena Chauí define que 'a função social do velho é lembrar e dar conselhos'. Mais adiante a própria autora Éclea Bosi relata que na sociedade contemporânea, no entanto, não há mais espaço para o conselho, pois a experiência foi substituída pela opinião (BOSI, p.85). Para ela, isso se deve à sociedade de informação que faz com que a busca pela sabedoria perca sua força. Essa nossa atual necessidade de estarmos sempre informados nos faz passar de um tema a outro sem que em nossa memória se retenha alguma mensagem, uma lição, não há por isso o conselho, há somente a informação que se assimila e busca-se o próximo assunto. Nesse sentido, a opinião não se confunde com o conselho. Nas palavras da autora, a opinião é formada a partir da informação e assim se quer plausível, atribui-se foros de verdade, ainda que seja tão inverificável quanto uma lenda (BOSI, 1987, p.86).

Já para o filósofo Valter Benjamin (BENJAMIN, 1996, p.198), um narrador é um homem que sabe dar conselhos. Como ressalta o autor, a possibilidade de narrar envolve a experiência – e não a informação, acrescentamos nós - que está no bojo do próprio relato. Para ele, há, então, dois tipos de narradores: um que é a figura de um viajante, aquele que sai para aprender histórias, sua viagem é geográfica. O outro é aquele que permanece no mesmo local e que, pela tradição, pela experiência, narra suas histórias, sua viagem é antes temporal. Nesse sentido, a narrativa abre-se para uma proposta de reflexão, não sendo compatível com a opinião, uma vez que não há grande preocupação em dar qualquer tipo de esclarecimento. Com isso, percebe-se, no entanto, o fim da crença na sabedoria que poderia ser transmitida de geração para geração, perde-se assim também a função dos mais velhos e da tradição no sentido de uma impossibilidade de intercambiar experiências, não atuando mais na formação das gerações mais novas.

Ecléa Bosi (BOSI, 1987, p.84) cita Benjamin ao lembrar que 'a civilização burguesa expulsou de perto de si a morte'. Segundo o autor, a experiência da finitude, relatada no momento da morte, antigamente, era compartilhada pelo maior número de membros de uma comunidade. Por conseguinte, em textos como 'o narrador' e, sobretudo, em 'experiência e pobreza', Benjamin afirma que há uma 'higienização' dos ambientes das casas contemporâneas. Isso acabou por acarretar uma tentativa de afastamento das pessoas doentes ou mais idosas do convívio com os demais membros da família. O que antes era um tipo de ritual, presenciado por inúmeros membros da comunidade, hoje está confinado ao espaço do particular, sobretudo, em hospitais e asilos (BOSI, 1987, p.84). Reiteramos que não há mais uma crença absoluta na relevância da experiência dos mais velhos para a formação dos mais novos.

Nesse sentido, em ‘A máquina de fazer espanhóis’ (2013), o personagem narrador seu Silva demonstra-se bastante chateado ao ser colocado em um asilo. Ele narra que não levou dois meses depois da morte da mulher, segundo ele, ‘em tempo recorde’, e a filha já havia dado um jeito de ‘resolver o problema’, ou seja, interná-lo em uma casa de repouso. Em outra passagem do romance, ele conta que foi tolo por acreditar que a família iria visitá-lo constantemente, estava claro que isso não iria acontecer. Estavam todos ‘arrumados’ como quem tem de cumprir uma obrigação antes do divertimento da família (MÃE, 2013, p.46). Percebe-se, assim, um declínio da autoridade dos mais velhos que acabam destituídos de suas funções de base para a família, gerando neles um sentimento de abandono e rejeição.

Já, em ‘O leite derramado’ (2009), Eulálio também afirma: “As pessoas não se dão o trabalho de escutar um velho, e é por isso que há tantos velhos embatucados por aí, o olhar perdido, numa espécie de país estrangeiro” (BUARQUE, 2009, p.79). Aqui o narrador demonstra lastimar a ausência de uma antiga aura que era própria do idoso, símbolo de um determinado saber, o daqueles que viveram mais. Também não há uma escuta para a narração dos mais velhos, mais uma vez enfatiza-se que não há espaço para o conselho, nem para a legitimação desse tipo de narrativa própria do idoso.

A questão da narrativa no romance ainda é bem marcada por um discurso fragmentado, no qual não há possibilidade de estabelecer coerência. Entrevemos, em seu discurso, aliás, marcas de uma tentativa de restituição social. De família abastada, Eulálio vê a condição de sua família se esvaecendo até chegar à ruína. Em seu relato, ressoa uma mescla de lamento e esperança em retornar à antiga situação, nem que seja por meio da narrativa, compondo ‘as memórias de sua família’. Do mesmo modo, não podemos deixar de notar que sua fala é entremeada de preconceitos e estigmas próprios de seu narrador, em imagens pulverizadas, que nem de longe conseguem trazer para si a referência de sabedoria e respeito que ele pretende reivindicar. Nesse sentido, Gagnebin (2004), explica que na contemporaneidade “as qualidades do narrador tradicional voltam, distorcidas, invertidas, numa espécie de deformação irônica e dolorosa” (GAGNEBIN, 2004, p.66). Desse modo, os narradores dos romances analisados elaboram suas narrativas sobre escombros, num esfacelamento, do que representaram, seja na riqueza dos Assumpção ou ainda na imagem do homem comum do Silva. Um emaranhado de imagens, sobretudo em ‘O leite Derramado’ (2009), que não nos permite conhecer os demais personagens, quase vultos, que perfilam em meio à hesitação do discurso do narrador com pouquíssimas e duvidosas características.

2. NOS RASTROS DA MEMÓRIA

A memória em Benjamin não é passiva, ela é ativa e não para de atualizar-se no presente. Por conseguinte, Gagnebin, ao comentar o tema no autor, cita “a obra secreta da lembrança – que, de fato, é a capacidade de infinitas interpolações naquilo que foi” (GAGNEBIN, 2004, p.74). Tal questão aparece de modo evidente nos dois romances, sobretudo, em ‘O Leite Derramado’. Em um trecho, Eulálio afirma “Mas se com a idade a gente dá para repetir certas histórias, não é por demência senil, é porque certas histórias não param de acontecer em nós até o fim da vida” (BUARQUE, 2009, p.184). Isso porque, em o Leite derramado, todo o romance gira em torno do relato de Eulálio, que, por sua vez, debilitado pela

senilidade não consegue articular uma história coerente. Desse modo, o narrador começa a história, mas depois de um determinado ponto, ele se perde em sua própria narrativa. A partir de então, ele se volta para o relato de Matilde, ao mesmo tempo em que não consegue verbalizar o que de fato aconteceu em seu casamento e com sua esposa. As lembranças parecem tão intensas que há uma reatualização do passado, ele diz “E qualquer coisa que eu recorde agora, vai doer, a memória é uma vasta ferida” (BUARQUE, 2009, p.10). Isso gera uma tentativa de fuga do narrador sempre que relata fatos sobre a mulher. Lapsos de memória, ou dificuldade de retomar um ponto crucial de sua vida que é o que aconteceu de fato com seu casamento? A cada narrativa é proposto um novo desenlace para o aparente fim, ora ela morre, ora ela foge com outro homem. Daí, tem-se

(...) e cerrei os olhos para receber a hóstia sagrada. Quando os reabri, Matilde se virava para mim e sorria, sentada ao órgão que não era mais um órgão, era o piano de cauda da minha mãe. Tinha os cabelos molhados sobre as costas nuas, mas acho que agora já entrei no sonho. (BUARQUE, 2009, p.21)

Em Memórias de Velhos, Bosi relata ainda a relação da memória com o corpo, ao tratar do tema na velhice. Desse modo, diz a autora que um corpo deficitário, configura um instrumento de comunicação também deficitário. Então, continua ela, “Quando a memória extravasa lúcida é por meio de um corpo alquebrado” (BOSI, 1987, p.39). Bosi cita o ‘tremular dos dedos, o fraquejar da voz’, elementos de um corpo extenuado que, de certo modo, também aparecem atrelados ao ato de narrar dos idosos). Mais adiante, a autora discorre ainda que a memória na velhice é alcançada somente por um paciente trabalho de constituição do sujeito. Relato bem próximo do feito pelo narrador personagem de Chico Buarque em uma alusão à sua capacidade de recuperar acontecimentos passados.

A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode é alguém de fora se intrometer, como a empregada que remove a papelada para espanar o escritório. Ou como a filha que pretende dispor minha memória na ordem dela, cronológica, alfabética, ou por assunto. (BUARQUE, 2009, p.41)

Do mesmo modo, também é possível atrelar a imagem do labirinto para referir-se à questão da memória, assim como fez Gagnebin (2004), ao considerar a relação com o tempo e com a experiência. Encontramos uma passagem que relata a questão da memória no romance de Chico Buarque que dialoga com esta afirmativa com relação aos velhos.

Neste momento minha cabeça fraquejou, não sei mais de que banho estou falando. São tantas as minhas lembranças, e lembranças de lembranças de lembranças, que já não sei em qual camada da memória eu estava agora. Nem sei se eu era muito moço ou muito velho (BUARQUE, 2009, p.138)

Ainda, temos nessa outra passagem:

Aquela que veio me ver, ninguém acredita, é minha filha. Ficou torta assim e destrambelhada por causa do filho. Ou neto, agora não sei direito se o rapaz era meu neto ou tataraneto ou o quê. Ao passo que

o tempo futuro se estreita, as pessoas mais novas têm de se amontoar de qualquer jeito num canto da minha cabeça. Já para o passado tenho um salão cada vez mais espaçoso (...) (BUARQUE, 2009, p.14)

Nesse sentido, podemos compreender a questão de o velho lembrar-se mais dos fatos que aconteceram, em sua infância, por exemplo, do que dos mais atuais. A experiência se esvai num esvaziar-se também dos dias sem novidades ou mudanças marcantes. Tal marasmo faz com que os acontecimentos não perdurem na memória. Ou em:

Você deve estar fazendo confusão com o outro, aquele Eulálio mais moreno, namorado, que teve um caso com uma japonesa e engravidou a prima. Mas aquele, se não me engano, era filho desse Eulálio garotão com a moça do umbigo, minha cabeça às vezes fica meio embolada (BUARQUE, 2009, p.39)

Assim, finalizamos com o artigo de Gagnebin (2004, p.92), no qual a autora evoca mais uma vez a imagem do labirinto acrescentado que não somos conduzidos, em uma alusão ao fio de Ariadne, apenas pela intensidade do nosso amor ou do desejo, mas pelo “fio da linguagem, às vezes entrecortado, às vezes rompido, o fio da história que nós narramos uns aos outros, a história que lembramos, também a que esquecemos e a que, tateantes, enunciamos hoje”. Corpo e linguagem na tentativa, por vezes falha, de articular e transmitir experiências. E nessa inabilidade, nesses desvios do que seria o habitual, é que percebemos uma possibilidade de sermos tomados pelo pensamento infantil.

3. IMAGENS DA VELHICE-INFÂNCIA

“Quando eu sair daqui, vamos nos casar na fazenda da minha feliz infância, lá na raiz da serra.” (BUARQUE, 2009, p. 5)

Ao tratar do tema da representação da velhice, Cocentini (COCENTINI, 2008, p.53) nos lembra de pontos de encontro entre a velhice e a infância. Ela cita o filósofo Erasmo Roterddam:

Quanto mais a brancura dos cabelos, a falta dos dentes, o abandono do corpo, o balbucio, a garrulice, as asneiras, a falta de memória, a irreflexão, numa palavra, tudo coincide nas duas idades. Enfim, quanto mais entra na velhice, tanto mais se aproxima o homem da infância, a tal ponto que sai deste mundo como as crianças, sem desejar a vida e sem temer a morte. (Elogio da Loucura, p.29, apud: Cocenti, p.53)

Apesar de o filósofo abordar de um modo ‘idealizado’ a questão da velhice e da infância, podemos perceber que, em sua argumentação, há uma série de características que consideramos fundamentais para começarmos a elaborar a questão do pensamento infantil. Isso porque, segundo Gagnebin (2004), Benjamin, ao se remeter à infância, também ressalta sua inabilidade, sua falta de desenvoltura para lidar com o mundo dos adultos. Ora, Roterddan recupera, nos velhos, características bem próximas das atribuídas por Benjamin ao mundo infantil, ainda relacionando as duas etapas da vida.

Acrescentamos que, para Kohan (KOHAN, 2007, p.86), a definição de infância não se confunde com a criança, está junto e para além da idade cronológica. O autor pondera uma distinção feita pelos gregos entre *chronos*, *kairós* e *aion*. O primeiro chegou até nós em sua dimensão mais conhecida de tempo decorrido, ou seja, 'o número de movimentos entre o antes e o depois', ou a sucessão de acontecimentos em um espaço de tempo. Já a *kairós* tem o sentido próximo à medida que o evento acontece, um 'momento crítico', uma 'temporada' ou 'oportunidade'. E, por fim, o que mais nos interessa o *aión*, que diz respeito à intensidade do vivido. Então, nessa proposta, a infância (KOHAN, 2007, p.86), que também é tempo, não envolve apenas sucessão nem consecutividade, mas intensidade da duração'. Voltamos mais uma vez a Kohan (KOHAN, 2007, p.91) que ilustra sua exemplificação com o poeta Manuel de Barros, ao comentar sua obra, Kohan (2007, p. 91) diz 'duas infâncias convivem: uma cronológica; a outra de um tempo intenso, contemporâneo, presente'. Por conseguinte, buscamos perceber imagens dessas potências da infância também na velhice, tendo como referência os dois romances já mencionados.

No romance 'A máquina de fazer espanhóis'(2013), o narrador oscila entre o abatimento causado pela perda progressiva da autonomia com o avançar da idade e o encantamento causado pelos momentos vividos junto com outros idosos do asilo, a começar pelo encontro com Esteves, personagem citado no poema 'Tabacaria', de Fernando Pessoa. Tal descoberta torna-se interessante já que o narrador não acredita na transcendência e não demonstra nenhum tipo de religiosidade, desdenhando, inclusive, de uma imagem de nossa senhora de Fátima que foi deixada em seu quarto, por sua filha, na tentativa de que, se apoiando na religião, ele conseguisse lidar melhor com a perda da mulher.

Seu Silva também não devota muito apreço por futebol. Há uma passagem em que uma das senhoras do asilo encontra-se com um famoso jogador de futebol de Portugal, em sua juventude, mas tampouco essa referência encanta nosso narrador personagem. No entanto, a descoberta de coabitar o mesmo espaço de um dos personagens dos poemas de Fernando Pessoa deslumbra o senhor e faz com que ele se sinta próximo a uma criança. Ele diz:

Era uma novidade que, sobretudo no meu estado para morto, continha uma energia de vida radical e inesperada. Caramba com oitenta e quatro anos um homem ainda pode ficar deslumbrado e todo incrédulo, como se viesse uma criança pasmar diante de um gelado. (MÃE, 2013, p.51)

Ou, ainda, "Era como se Alice viesse do país da fantasia para nos contar como vivem os coelhos falantes e as aventuras de faz de conta" (MÃE, 2013, p.51). É a arte que produz o encontro com o inesperado, a pulsão de vida, que se apresenta nas atitudes do nosso personagem senhor.

A referência ao poema 'Tabacaria' (Apud, MÃE, 2013, p.51) produz uma intertextualidade rica, pois o poeta também aborda a questão do homem comum, sem metafísica, que procura viver seu cotidiano e que assim pode ser feliz. Nesse sentido, podemos compreender o uso das iniciais sempre minúsculas, recurso estético utilizado por Valter Hugo Mãe para compor o romance, e a opção por um nome bastante popular. Em ambos os casos, podemos fazer uma leitura de um homem como tantos outros que viveu uma vida sem sobressaltos. Assim, recordamo-nos das experiências fundamentais que marcam o homem como o

nascer, o morrer, entre outras. Tais eventos constituintes são importantes exatamente por ser partilhados por todos.

Nesse contexto, vão vivendo os idosos do 'feliz idade' uma relação de amizade e possíveis 'aventuras' que estão presentes em diversas passagens do romance. As brincadeiras com as 'pombinhas' tiradas da imagem de nossa senhora de Fátima, as cartas de seu Silva para uma das internas, passando-se por seu marido, bem mais novo, que abandonara a mulher. Há ainda as conversas no jardim entre os colegas, 'a esquentar sol', os momentos de medo que fazem com que um vá dormir no quarto do outro, procurando apoio no companheiro. Tem-se na passagem uma dessas ocasiões em que seu Silva, nosso narrador, acolhe Esteves:

"[...] pus-me na ponta já quase encostado à parede e disse, deite-se aqui, Esteves, deite-se. Vamos dormir. E o Esteves não comentou, nem hesitou esticou-se ali a dividir as pontas da almofada comigo [...] como se tivesse vindo pedir colo à mãe, ao pai, como se fosse criança e tivesse medo do escuro". (MÃE, 2013, p.139)

Solidariedade, camaradagem, uma relação de entendimento e amparo para os momentos difíceis, tornando a vida um pouco mais leve. Em uma passagem, o Silva narra que o enfermeiro veio colocar 'ordem' à zombaria realizada pelos senhores:

"O Américo é que nos veio deitar mão. Não percebeu exatamente o que ali se passava, mas era nítido que baralhávamos as pessoas e as incomodávamos. Começou a enxotar-nos para que nos apartássemos e fôssemos asneirar independentemente, que juntos fazíamos canalhice. Parecem 'putos', dizia ele, (...). não tem vergonha na cara, estes homens, desta idade, parecem putos. Éramos velhos tolos a trazer da tolice uma promessa de vida qualquer". (MÃE, 2013, p.76)

Neste sentido, a brincadeira é fruto de um comportamento menos comprometido com a racionalidade, com uma liberdade maior para fazer 'asneiras', 'coisas sem sentido' ou mesmo só pelo prazer da 'travessura', pelo divertimento do grupo.

Já em 'Leite Derramado', na citação inicial tirada do romance de Chico Buarque transparece uma tentativa de buscar este espaço da infância para narrar como uma época feliz de sua vida. Não só uma volta ao passado, mas uma pretensão de refazer a vida, uma ideia de futuro. A questão da infância para ele, então, compreende um período de proteção, uma volta a uma pretensa condição social, não mais possível em sua velhice. Assim, nosso narrador reclama: "Tenho fome. Os enfermeiros aqui são rancorosos, com exceção daquela moça, no momento não me vem o nome dela. Na falta dela, alguém precisa se ocupar de mim" (BUARQUE, 2009, 100). Iniciando sua narrativa no presente. Pode-se perceber, um pouco mais adiante, que ele continua "Tragam-me por obséquio a minha goiabada, tenho fome. Virei o prato no chão, não nego, e voltarei a fazê-lo sempre que o bife vier com nervo. Sem falar que a comida cheirava a alho, deixem minha mãe saber." (BUARQUE, 2009, p.101). Ou em,

"Estou com fome e sou capaz de ficar batendo com a cabeça na parede até me servirem a sobremesa. E quando meu pai me perguntar que galo é esse na minha testa, vou lhe contar que nesta casa me dão porrada quase todo dia". (BUARQUE, 2009, p.102).

A lembrança de ter virado a comida no chão, tal como a birra de tempos infantis, o conduz de volta à sua casa e à forma como ele era tratado em sua família. Há uma referência à empregada que fazia suas vontades, levando a goiabada sobremesa da época de criança, que também contribui para deslocar nosso narrador, já não sabemos se quem fala está no hospital ou em sua casa, se é jovem ou velho, se ele narra um episódio atual ou uma recordação.

4. TENSÕES ENTRE VELHICE-INFÂNCIA

Também é visível que a velhice é um tempo de tensão, sobretudo, envolvendo a questão da finitude. A aproximação da morte e, além disso, os vários 'fins' simbólicos que acontecem na vida dos mais velhos, tais como, as perdas de entes mais próximos, a saída dos filhos de casa, a aposentadoria, enfim diferentes eventos que representam momentos de luto vivido pelos idosos.

Em ambos romances, os personagens estão confinados, seja no espaço do asilo, seja no espaço do hospital, quando contam suas histórias. Em 'A máquina de fazer espanhóis', os personagens do 'feliz idade' estão sempre inquietos com a questão da morte. O espaço do asilo é bastante disputado, mas para que haja um novo interno, é necessário que um dos idosos morra. Desta forma, o caminho inevitável é deixar os quartos que dão para o ensolarado jardim e o contato das crianças que brincam no espaço para habitar os quartos do fundo que estão de frente para o cemitério. As relações acabam por ser pouco duradoras, pois os 'moradores' do asilo estão sempre mudando.

Nessa perspectiva, Seu Silva não apresenta grandes problemas de saúde, em sua chegada à casa de repouso. Com isso, consegue permanecer consciente durante todo o processo por que seu corpo passa até perder os movimentos e encerrar a narrativa no que parece ser o fim da sua vida mesmo. Em uma bonita passagem próxima do final do romance, relata-nos o narrador:

[...] a partir de então não pude descer. As pernas apressaram-se a desmobilizar o sentido, como não sabendo nada do que sempre souberam, sem caminho, sem ida nem regresso, e os pulmões já não percebiam nada do ar, de como devia entrar e como devia sair. Eu tinha de imaginar tudo pelo corpo. (MÃE, 2013, p.239)

No trecho, ressaltamos a grande capacidade descritiva do narrador, inteiramente à escuta dos movimentos infinitesimais do corpo. Se o corpo falha, o discurso permanece íntegro, para testemunhar a falência de todo o resto. A máquina da linguagem continua a trabalhar. Há, assim, a questão da inércia, uma lentidão do corpo que caminha para a imobilidade, para a morte. Prende-se nosso personagem à imaginação, como elemento a 'operar a máquina estendida na cama' (MÃE, 2013, p. 239). Este caminho pode ser comparado ao caminho traçado por Benjamin, em doutrina da semelhança (1996), na metáfora da habilidade da criança em transmutar-se em objetos, ou esconder-se pelos cantos, mantendo sua respiração imóvel na ânsia de ser descoberta por alguém, como quem desafia a morte, em um caminho inverso do que acontece com nosso narrador, ao tentar fantasiar o movimento, ou seja, a vida.

Nesse sentido, em 'O leite derramado' (2009), tem-se uma pulsão narrativa que se entrelaça ao discurso, uma necessidade de contar o que aconteceu, como no trecho selecionado abaixo:

Vai ver que andei delirando, e de bom grado voltarei a falar somente de coisas que você já sabe. Se com a idade a gente dá para repetir casos antigos, palavra por palavra, não é por cansaço da alma, é por esmero. É para si próprio que um velho repete sempre a mesma história, como se assim tirasse cópias dela, para a hipótese de a história se extraviar. (BUARQUE, 2009, p.96)

Dessa forma, o narrador busca fugir de um outro tipo de morte, o esquecimento. Para isso, Eulálio prende-se ao relato, conta e reconta sua história, buscando escapar da solidão, vivenciada no espaço do hospital, em sua tagarelice e empreende esforços por manter-se vivo, afinal, a morte é a inércia, a resignação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

OS OMBROS SUPORTAM O MUNDO

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?

Teus ombros suportam o mundo

e ele não pesa mais que a mão de uma criança.

As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios

provam apenas que a vida prossegue

e nem todos se libertaram ainda.

(Carlos Drummond de Andrade).

Os dois extremos da vida, compreendidos como a criança e a velhice, necessitam de cuidado e proteção. Na sociedade atual, segundo a qual a questão do tempo é sempre exígua e a individualidade flagrante, tem-se o desamparo e a solidão presentes no cotidiano desses sujeitos considerados apenas por não serem 'produtivos' para o capital. É importante destacar o cuidado que tais indivíduos merecem, com o devido respeito e acolhimento que as fases mais vulneráveis da vida inspiram.

Assim, a literatura vem nos lembrar que a inabilidade, a falta de tato ou, mesmo, as falhas são características intrínsecas ao próprio homem. Que é no momento de distração e em nossos lapsos que reconhecemos a nossa falta de controle sobre o mundo. Nesse sentido, a infância como experiência de pensamento, permite-nos entrever na velhice um espaço não somente para perdas, mas para recomeços e, sobretudo, para a certeza de que não possuímos o domínio nem do nosso corpo, nem de nossas ações, nem do mundo a nossa volta e nos pequenos desvios, nas 'irreflexões', é que transparece o humano e, quem sabe, pode-se produzir arte.

Interconnections between old age and childhood in the novels 'A máquina de fazer espanhóis' (2013) e 'Leite derramado' (2009)

ABSTRACT

The article aims to discuss interconnections between old age and childhood in two contemporary novels: 'A Máquina de Fazer Espanhóis' (2013) by Portuguese writer Valter Hugo Mãe, and 'Leite Derramado' (2009) by Chico Buarque. We intend to begin with the concept of childhood no longer understood solely as a defined chronological time, but rather as a realm of thought related to experience that can emerge throughout an individual's life. Can we, therefore, identify images of an old age-childhood crafted in the mentioned novels? By what aesthetic and discursive means? Finally, we will attempt to explore these life extremes and seek to understand how these issues are aesthetically addressed in the two aforementioned novels.

KEYWORDS: Old age. Childhood. Novel. Contemporary.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. “O Narrador. Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov”, “Experiência e pobreza”, “Doutrina da semelhança”. In: Obras Escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo, Brasiliense, 1996.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 2ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz - Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BUARQUE, Chico. Leite derramado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COCENTINO, J. M. B. Envelhecimento e cultura: as perdas na velhice à luz de Gabriel García Márques. 2008. 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GAGNEBIN, Jean-Marie. “A criança no limiar do labirinto”, História e Narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva, 2004.

KOHAN, Walter. Infância, estrangeiridade e ignorância. Ensaio de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MÃE, Valter Hugo. A máquina de fazer espanhóis. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Recebido: 2 set. 2018

Aprovado: 11 abr. 2023

DOI: 10.3895/rl.v25n46.8795

Como citar: SILVA, Alessandra Gomes da. O entrelaçamento velhice-infância nos romances ‘A máquina de fazer espanhóis’ (2013) e ‘Leite derramado’ (2009). *R. Letras*, Curitiba, v. 25, n. 46, p. 1-12, jan./jun. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

